



# Vária Palavra

Memórias

**Fogo a bordo, minhas histórias e memórias**

Vilson Vedana

Palestra

**Elegia nos quarenta da morte de Vinicius de Moraes, poeta e cidadão**

Edimilson Caminha

& mais

Conto

**Caça**

Magno Antônio Correia de Mello



**Vilson Vedana**

Administrador e advogado; consultor legislativo da Área XIV - Ciência e Tecnologia, Comunicação Social, Informática, Telecomunicações e Sistema Postal (aposentado).

# Fogo a bordo, minhas histórias e memórias



## Lembranças

No dia 12 de fevereiro passado lancei, na minha casa, Fogo a Bordo, meu livro autobiográfico. Até então só havia publicado artigos técnicos relacionados ao meu trabalho como Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. Neste artigo, divido com os leitores um pouco de como foi o processo de criação do meu livro, porque o escrevi e o que considerei importante abordar. Estructurei a narrativa em capítulos breves, quase independentes, com o objetivo de facilitar a leitura aos meus parcos leitores. Sendo o personagem principal carente de grandes feitos, isso foi impositivo.

Receber em minha casa, no dia do lançamento, cerca de uma centena e meia de amigos, despertou em mim sentimentos contraditórios. Primeiro de muita alegria, por ver quantos e tão fieis amigos tenho. E, depois, como descuidei ao longo dos anos de tantos amigos queridos. Fiz o propósito de não mais deixar que isso acontecesse. Conversei a respeito com meu filho e ele observou que se, mesmo achando que fui descuidado, meus amigos compareceram em tão grande número, algo fiz para cativá-los e para que a amizade se mantivesse ao longo do tempo. Talvez tenha sido isso. Ou não.

Escrever um livro de memórias é um duplo mergulho. Em si mesmo e no passado. No meu caso também na história dos meus antepassados, a começar pelos meus bisavós, os quatro casais do Vêneto italiano que, na década de 1880, emigraram para o Brasil, alguns com filhos e um deles, os Bordin com um grupo familiar de 13 pessoas que incluía meu bisavô, sua esposa e diversos filhos, entre eles minha avó Filomena, com dois anos, um irmão também casado e com diversos filhos, e seu pai viuvo. Como deixar de reconhecer a coragem e a determinação dessas pessoas ao abandonar sua terra e sua gente para, movidos por uma firme esperança, buscarem melhor vida em uma terra estranha? Fixaram-se na zona rural do hoje município de Flores da Cunha-RS. Procedentes de diferentes localidades, acabaram vizinhos por obra do acaso. Numa época em que o meio de transporte mais rápido na região era o cavalo, esta vizinhança foi decisiva para que seus filhos e netos casassem entre si. Já as famílias numerosas foram consequência da cultura da época e da necessidade de braços para trabalhar na pequena propriedade. Só dos meus bisavós Benedetto e Lucia Vedana somos, nos dias de hoje, mais de 4 mil descendentes. Costumo brincar que sou brasileiro por acidente geográfico, já que, por todos

os ramos, sou de origem italiana. Mas a minha geração cuidou de abrasilizar a situação. Meus irmãos, irmãs e eu casamos com descendentes de negros, alemães, poloneses, italianos, portugueses e espanhóis. A origem de alguns desses grupos da família, perdida no tempo, no Brasil colônia.

Neste artigo aponto alguns aspectos que considere importante ao estruturar Fogo a Bordo Um livro de memórias é um conflito permanente entre o que contar e o que não. É uma exposição do próprio eu e há de se decidir, a todo o momento, a profundidade com que isso será feito. Os familiares, os amigos e pessoas com quem você se relacionou são expostos. Sem isso pouco haveria para contar, mas fazê-lo na medida justa é, como disse, o conflito permanente e nem sempre resolvido da forma adequada. Há que se conviver com isso.

### **As pessoas**

As pessoas são a parte mais importante. Fizeram ou ainda fazem parte de nossa vida. Umas contribuíram para nos moldar, de outras foi nossa a contribuição para suas vidas. Às vezes me surpreendo quando alguém de quem não fui tão próximo me relata como lhe foi importante algo que lhe disse ou lhe fiz e que foi uma inspiração importante em sua vida, embora nem sempre recorde do fato. Em outras situações, eu é que me inspirei no que outros fizeram ou disseram, sem que eles ou elas nem sempre se dessem conta da importância que isso teve para mim. A virtude básica aqui é a generosidade. Primeiro, devemos ser generosos com o que somos e temos. Repartir nosso eu, sem orgulho ou pedantismo. Ao fazer isso atraímos, sem esforço, outros generosos e acabamos recebendo mais do que damos. Em algumas ocasiões se trata de bens ou dinheiro, mas quase sempre só de amizade, boa conversa, interesse nos outros e o legítimo do amor ao próximo, que é querer o bem do outro.

No meu caso, a pessoa mais importante na minha vida foi minha mãe. Na região da colonização italiana no sul do Brasil, as mulheres trabalhavam na roça em igualdade de condições com os homens. E tinham uma jornada duplicada com todos os serviços domésticos. Nada muito diferente na vida urbana de hoje, embora estejam, aos poucos, surgindo mudanças. Sua maior frustração da infância e juventude foi ter sido retirada da escola pelo pai ao concluir o terceiro ano primário. Tinha que trabalhar na roça. Não que o prejuízo tenha sido grande. Só teria como

cursar até o 5º ano primário. E a escola era em vêneto. Não havia escolas mais adiantadas na região, nem em português. Passou a vida lamentando essa perda, mas não repetiu o erro com seus 8 filhos.

O conselho que D<sup>a</sup> Laura sempre nos dava era: “Meus filhos, estudem, estudem, estudem!”. De alguma forma ela percebeu que a industrialização e a mecanização estavam mudando o mundo e a era da agricultura manual praticada durante milênios estava acabando. O fato mais visível para ela foi o fim da produção comercial de banha pelos pequenos agricultores, o principal produto da pequena propriedade rural na nossa região, até a sua juventude. A venda da banha permitia uma boa renda. Isso acabou com a instalação dos frigoríficos de abate de suínos. Passar a vender aos frigoríficos os suínos vivos que criavam tirou dos pequenos agricultores boa parte da renda, pois recuaram um degrau na cadeia de produção e perderam a carne que ficava toda com os agricultores. A banha, transportada de trem para São Paulo e o Rio de Janeiro, era artigo valorizado antes da chegada dos óleos industrializados de sementes como soja, algodão, milho e outras, que, ao contrário de toda a propaganda de mais de um século, não são saudáveis, por que extraídos por meio de processos industriais não naturais. Saudável é a banha e outras gorduras animais. E o azeite de oliva, proveniente de azeitonas maduras prensadas. Não saudáveis são também o açúcar, os refrigerantes, os alimentos processados e o excesso de consumo de carboidratos. Mas isso é outra discussão. D<sup>a</sup> Laura era carinhosa e dedicada, rápida em fazer tudo, se preocupava com as necessidades de seus filhos, era sábia conselheira não só dos filhos, mas também da vizinhança, especialmente das meninas, em assuntos de amor.

Em Fogo a Bordo procurei destacar a importância que as pessoas da minha família tiveram em minha vida, cada uma a sua maneira. Mas não só elas. Embora tendo esquecido umas tantas, que depois lamentei não tê-las incluído, mencionei um sem número delas. A menção que lhes fiz foi uma forma de expressar-lhes minha gratidão por terem feito ou fazerem parte da minha vida.

### **Os fatos e as experiências**

Ao pesquisar o passado da minha família só consegui juntar fragmentos que me foram relatados por tias, tios e pessoas mais velhas de meu relacionamento, nas cerca de quatro décadas que foi o que levei entre a

ideia de escrever e a publicação de Fogo a Bordo. Documentos, quase só as certidões de nascimento, casamento e falecimento. Como teria sido interessante se meus antepassados tivessem deixado algo escrito sobre suas crenças, suas esperanças, seus feitos. Impossível querer isso de homens e mulheres de poucas letras. Este fato foi uma das motivações para escrever minhas memórias e deixar registrado o que juntei. Sem esse registro até estes fragmentos se perderiam. E aqueles antepassados seriam apenas um nome sem alma, sem crenças, sem personalidade. No meu livro expressei em que acreditei e acredito, o que esperei e espero, o que fiz, por onde andei e tantas outras coisas, apontando algumas das minhas muitas falhas e incapacidades. Meu objetivo básico sempre foi deixar um registro para meus descendentes. Mas os depoimentos de muitos de meus amigos e conhecidos que leram meu livro mostraram que fui um pouco além.

Além da transição da vida rural para a vida urbana, fiz a transição de uma maneira de vida antiga para uma vida moderna. Passei minha infância e parte da juventude numa casa sem água encanada e sem eletricidade. Nestes aspectos a vida que levei em pouco era diferente da vida da era medieval. A água de beber e cozinhar era puxada de uma cisterna por meio de um sarilho manual, no qual se enrolava a corda que trazia o balde com água do fundo. Uma invenção de alguns milênios. O vaso sanitário era a patente, como se chamava no sul. Uma casinha com menos de 2 metros quadrados, afastada da casa. Nela havia um assento com um furo onde as pessoas faziam suas necessidades. Papel higiênico não havia. Qualquer papel servia, mas o mais prático eram os sabugos de milho. Poupo meu eventual leitor de mais detalhes. Mas antes de achar isso ridículo, meu prezado leitor, pense nos nossos antepassados, os meus e os seus, que durante milênios assim se viravam.

O banho era noutra edícula, junto ao tanque de água corrente. Na minha infância o banho seguia os ditames das culturas européias de até não muitas décadas. Era semanal. Para isso se encomendava no lanterneiro local, que não consertava lataria de carros, mas fazia lanternas a querosene, um balde de 20 litros ao qual se adaptava uma válvula, que puxada por uma cordinha deixava a água sair pelo chuveiro acoplado ao fundo. Nos dias frios do RS, cerca de 80% deles, era preciso primeiro esquentar a água no fogão. Ou tomar um banho gelado, nada agradável, em especial quando a temperatura chegava perto dos zero graus. Tomei muitos assim, para poupar-me o trabalho de esquentar a água. A escolha era sempre



difícil. O banho diário só entrou na minha rotina quando, chegado do trabalho campo, me preparava para ir à escola.

A água encanada lá na roça só surgiu quando as mangueiras plásticas chegaram, a um custo razoável, pelo final da década de 1960, o que permitiu trazer água das fontes situadas nos morros acima do nível da casa. Depois, quando a energia elétrica chegou, no final dos anos de 1970, vieram as motobombas elétricas que puxavam a água da cisterna. Hoje, todas as propriedades rurais da região contam com água encanada proveniente de poços artesianos, um serviço da prefeitura local.

A chegada da energia elétrica trouxe outros luxos da modernidade, como geladeira, televisão, liquidificador, freezer, motobombas, motores elétricos para usos diversos. O primeiro, lá em casa, foi para tocar uma serra circular estática para serrar a lenha do fogão, que não era o caipira que usa troncos longos, mas o típico lá do sul que usa cavacos, pequenos. Até então a madeira tinha que ser cortada em pedaços curtos e depois rachada, se necessário. Tudo isso usando machado ou um serrotão manejado por duas pessoas. Um trabalho para gente forte.

A terra tinha que ser arada com um arado puxado por uma junta de bois, rego por rego. O plantio do milho era com matraca, instrumento manual. Era preciso atenção para manter o espaçamento necessário entre as fileiras. O trigo e a soja eram semeados a lança, sendo necessário depois lavrar a terra mais uma vez para cobrir as sementes. De novo, uma prática de milênios. Fiz esses serviços dos 16 aos 21 anos, mas desde os dez ajudava nos trabalhos agrícolas nas minhas férias do seminário.

Outra reflexão que faço é sobre o fato de ter conseguido frequentar a escola e chegar à universidade, uma exceção entre os jovens da zona rural da minha região, na época. Primeiro, como apontei, foi a determinação de minha mãe e minha ida a um seminário católico. E depois, a determinação de minha mãe, minha família, e minha, para continuar os estudos mesmo morando na roça e tendo que percorrer longas distâncias todos os dias. Considero quase um milagre ter conseguido frequentar a escola e chegar à universidade. Além da influência de minha mãe e a ida ao seminário destaco aqui dois outros fatores: minha paixão pelos livros e uma baixa preferência temporal. “Eu e os Livros” é um capítulo de Fogo a Bordo, onde falo de meu encanto por eles desde a infância. Os livros me ensinaram, me formaram e me moldaram. Trouxeram-me o mundo numa época de poucos meios de comunicação, apesar de meu escasso acesso a eles.

Preferência temporal é a razão entre a valorização do momento atual em comparação com o futuro. Claro que há necessidades inadiáveis no presente, que devem ser satisfeitas, como alimentação, vestuário, moradia, cuidados com a higiene e saúde, etc. Sem esses cuidados não há futuro. Assim uma preferência temporal relativamente alta é sempre benéfica ao ser humano. Mas há que pensar no amanhã, sob pena de se gastar tempo, esforços, dinheiro e outros recursos para se gratificar no presente e não investir para ter um retorno mais tarde. Isso inclui dedicar tempo para estudar, ler, cuidar da saúde, ter uma alimentação adequada que evite doenças, consultar psicólogos e psicanalistas para superar medos e traumas e encarar a vida com alegria e otimismo, fazer poupança e procurar a melhor forma de investi-la e muitas coisas mais. Nem tudo isso pude fazer, mas quem pode deve investir tempo e recursos em coisas assim.

O psicólogo Walter Mischel, no final da década de 1960, conduziu na Universidade de Stanford o experimento do marshmallow, que se tornaria famoso. Mischel deu a crianças, em uma sala, um pedaço de marshmallow e disse que estavam livres para comê-lo se quisessem, mas que ele voltaria em 15 minutos e daria outro pedaço às que não o tivessem comido. Crianças com menor preferência temporal adiaram a gratificação do consumo imediato, as com maior preferência temporal, não. O psicólogo revisitou as crianças décadas após e verificou uma forte correlação entre baixa preferência temporal e bom rendimento acadêmico, notas superiores, baixo índice de massa corporal e ausência de vício em drogas. Inescapável concluir que a baixa preferência temporal de um indivíduo o leva, adiante, a um nível de vida melhor, mais saudável e a mais realizações.

No meu caso, minha baixa preferência temporal me fez continuar os estudos, apesar de todos os esforços e sacrifícios que precisei fazer. Abordo o assunto em meu livro no capítulo “Que Mandioca Grande”. Não fiz em minha vida tudo como deveria ter feito, mas acredito que fiz o básico. Comprei meu primeiro apartamento logo que meu salário permitiu que o financiasse. E ao longo de 35 anos, fui trocando o imóvel residencial, sempre para um melhor até chegar à bela casa em que resido hoje. Meus acertos superaram minhas falhas, tanto que meu colega de trabalho, jornalista, escritor e amigo querido por todos nós, Edmilson Caminha, acha que meu livro deveria ser recomendado pelas escolas como exemplo de superação das dificuldades, em especial em relação aos estudos. Obviamente, um exagero de meu amigo.

## As limitações e as oportunidades

Aos 21 anos, ainda morava na roça com meus pais e, numa idade em que hoje alguns estudantes mais precoces já concluíram a universidade, faltava-me ainda fazer o terceiro ano do segundo grau. Foi quando, finalmente, me tornei urbano. Fui morar em Carazinho-RS e trabalhar como balconista no armazém que meu irmão mais velho lá estava abrindo. Morei dois anos naquela cidade, que acabaram sendo fundamentais em minha vida pelas oportunidades que se apresentaram. Primeiro o emprego que meu irmão me deu, que me permitiu fazer a transição rural-urbana, como milhões de brasileiros estavam fazendo na mesma época. A minha, apesar de todas as limitações, como um emprego humilde, em condições melhores que as da maioria dos migrantes. Depois foi quando me inscrevi para o concurso nacional de inspetor dos Correios, com 33 mil candidatos, e consegui estar entre os cinquenta aprovados. Em março de 1972, dois anos após sair da roça estava no Rio de Janeiro fazendo, durante um ano, um curso na escola postal, condição para assumir o cargo. Uns meses antes, recomendado pela minha professora Edith Simon, que se tornou uma diletta amiga, me empreguei numa empresa que tocava uma variedade de negócios, o principal deles a moagem de trigo, com moinhos em Carazinho, Porto Alegre e Maceió. Fui convidado pelo Presidente da empresa para trabalhar em Porto Alegre. Na época não tive dúvidas em optar pelos Correios. Hoje, porém, vejo que poderia ter tido uma carreira na iniciativa privada. Talvez pudesse ter salvo a empresa, uma vez que, com a retirada da velha guarda, acabou sendo vendida por falta de herdeiros com vocação para administrar os negócios. Talvez tenha me faltado um pouco de visão do futuro, mais um tanto de ambição e audácia. A opção pelos Correios, com um salário inicial razoável, foi uma decisão confortável.

Nos meus 15 anos nos Correios, fui inspetor, gerente, Diretor Regional Adjunto, em Porto Alegre e Diretor Regional em Uberaba e Pernambuco, além de ter feito um curso de um ano meio nos correios da Alemanha, em Bremen. Em Porto Alegre, fiz meu curso, noturno, de Administração na UFRGS e, depois, em Brasília, concluí o curso de Direito na UDF.

Sob o regime militar, os Correios foram bastante bem administrados. As correspondências e encomendas eram entregues com rapidez e a credibilidade junto ao público era grande. Nunca tive contato com a corrup-

ção, nem soube de casos dela na empresa, mas só falo por mim. Contudo, a maioria dos postos de comando era reservada aos militares da reserva, o que limitou em muito a carreira de quem não o era, como eu.

No final de 1985, eu estava em Brasília, retornando de meu curso na Alemanha. Era o primeiro ano do Governo Sarney, após o fim do regime militar. De imediato percebi que a corrupção estava grassando nos Correios. Meu regime era o da CLT, o que significava que poderia ser demitido sem justa causa. Tinha dois filhos pequenos e decidi procurar a estabilidade de um emprego regido pelo estatuto do funcionalismo público. Em 1987, aprovado no concurso, tomei posse como analista e fui trabalhar do Departamento de Material e Patrimônio da Câmara dos Deputados e, em fevereiro de 1991, aprovado em outro concurso, tomei posse como Consultor Legislativo. Fui o único funcionário da Câmara dos Deputados aprovado nas 78 vagas previstas no edital. Depois outros colegas foram chamados em vagas criadas adicionalmente.

Gostei muito de todos os empregos que ocupei. Ser inspetor dos Correios com 24 anos e Diretor Regional com 29, foi uma experiência e tanto para o trabalhador rural que eu tinha sido até meus 21 anos. Mas as duas décadas em que trabalhei como Consultor Legislativo tiveram uma relevância especial para mim. Nos Correios, talvez pelo fato de mais de 95% dos funcionários terem escolaridade primária ou média, poucas vezes convivia com pessoas que pudessem me acrescentar algo. Na Consultoria Legislativa era diferente. Havia especialistas em todas as áreas da vida brasileira e, numa época em que o Dr. Google não existia, eram os colegas que tiravam dúvidas, nos esclareciam e com quem podíamos debater, confrontar nossas opiniões e ver outras possibilidades. Ou seja, havia pessoas, muitas, que me acrescentavam muito, de tudo. E considero que, os Consultores, fazíamos um trabalho importante no assessoramento técnico aos parlamentares, embora pouco conhecido pela sociedade e, talvez por esse motivo, pouco valorizado.

Com essa breve descrição de minha vida laboral, acho que posso concluir que aproveitei bem as oportunidades, poucas, que a vida apresentou ao pequeno agricultor que era. Fiz dois cursos superiores, uma especialização em serviço postal na Alemanha e terminei minha vida profissional como Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. E principalmente, a Rejane e eu constituímos uma família, com dois filhos, um neto e duas netas, que são a alegria dos meus dias.

## Os livros

Tenho uma dívida impagável para com os livros, embora eles não a cobrem. Na casa de pequenos agricultores de poucas letras não os havia e a eles não tive acesso até ir para o seminário, com 11 anos. Não que a biblioteca do seminário fosse grande coisa, mas para quem nada tinha, o pouco era muito. A minha primeira escola, a da comunidade rural onde morava, e a escola das freiras de Vila Maria que frequentei por um ano antes de ir para o seminário, não tinham livro algum para emprestar.

Quando, no seminário, consegui botar as mãos nos livros, foi uma descoberta. Apesar de ser literatura de pouca qualidade, devo ter lido mais de 500 nos meus cinco anos e meio que lá passei. A leitura mais importante dessa época foram as obras completas de Machado de Assis, que tomei emprestadas da mãe de um colega, em Passo Fundo, e que li numas férias, de dezembro a fevereiro. Formei um gosto de leitura eclético, talvez pela limitação de acesso. Lia o que me caía às mãos. Com isso, fui me interessando por muitos assuntos. Lia livros, jornais e revistas. Continuo assim até hoje, leio um pouco de tudo.

Sempre fui bom estudante, mas boa escola só tive no seminário, onde fiquei até a metade da antiga quarta série ginásial. Depois disso, as escolas, e mesmo as universidades, não foram grande coisa. Tinha que compensar estudando mais. Mas numa época de acesso limitado a conteúdos, foram os livros que tiveram a parte mais importante na minha formação.

Fala-se muito em formar o hábito da leitura ainda na infância, mas não sei como formei o meu. Não lembro de ninguém me falar que devia ler. Lia porque gostava. Tentei criar o hábito da leitura em meus filhos. Mas errei a mão, ao menos com meu filho. Com 11 anos o fiz ler a *Odisséia*, de Homero. Até hoje reclama disso. Ele pouco leu até chegar à universidade. Hoje é um leitor voraz. Com minha filha peguei mais leve e ela começou a ler mais cedo.

Adaptei-me à leitura em tablet, celular e aparelhos das livrarias eletrônicas. Os bibliófilos, que gostam do cheiro e do contato com o livro físico, que me perdoem, mas para mim a leitura em meios eletrônicos tem muitas vantagens. E é ecologicamente saudável, embora eu ache que o uso do papel em livros, jornais e revistas é dos mais nobres.

## Talian - o vêneto brasileiro

O maior número dos imigrantes italianos no Brasil vieram do chamado Trivêneto Italiano, formado por três províncias: Veneto, Friuli-Venezia Giulia e Trentino-Alto Adige. Falavam todos variantes do vêneto, com exceção dos provenientes de partes de Friuli-Venezia Giulia, que falavam o friulano, incompreensível para os demais italianos. Pouco conheço da história da formação das outras línguas européias, mas conheço bem a do vêneto e a do italiano. Com o fim do Império Romano, a Itália, por mais de 1.500 anos, foi uma colcha de retalhos, cada pedaço dominado de forma alternada pelas potências europeias de cada época, o que significava guerras constantes. Diversas cidades foram independentes, com destaque para Florença e a Republica de Veneza, e seus cerca de mil anos de soberania, ora ocupando, ora perdendo cidades e regiões vizinhas. A língua do clero, e depois também das universidades, quando estas surgiram, era o latim. Mas o povo, no começo do processo, falava o latim vulgar. O analfabetismo de quase toda a população, a falta de escolas, de meios de comunicações, o baixo deslocamento da população e outros fatores fizeram com que o latim vulgar fosse mudando aos poucos. E de forma um tanto diferente em cada localidade. Foi assim que, na Europa, surgiram as diversas línguas latinas, com o latim influenciando a formação de outras. E foi por esses mesmos motivos que quase se formaram dialetos no Brasil, com destaque para o dialeto caipira, no sudeste. Uma de suas características era a pouca conjugação dos verbos. Como exemplo temos: eu, tu, ele, nós, vós, eles, vai. O dialeto caipira só não se consolidou porque passou a haver escola, o ensino da gramática e do modo “correto” de falar, surgiram o rádio e a televisão e a melhoria dos meios de transporte, que promoveu maior contato com a população de outras cidades e regiões.

Na Europa, em determinado momento, uma gramática foi fixada. Com o alemão, que não é uma língua latina, isso foi feito por Lutero, quando traduziu a Bíblia. Utilizou bastante o latim, como no caso das declinações. O Inglês, também uma língua não latina, deve muito a Shakespeare. O português, a Camões, e o italiano, a Dante Alighieri. Costumo brincar dizendo que o italiano não existe. Depois explico.

No caso do Vêneto, ocupado há mais de dois mil anos pelos romanos, o latim vulgar foi se transformando e, pelos motivos expostos, variando de cidade para cidade e mesmo de aldeia para aldeia. Com o passar das

décadas e séculos, cada localidade falava um pouco diferente da outra, variando mais quando maior a distância. Uma pessoa tinha sua aldeia de origem identificada na aldeia vizinha pelas pequenas diferenças em sua fala. Cito exemplos das diferenças do vêneto entre Vicenza, a terra dos Morsolin, da família de minha mãe e o de Sospirolo, dos Vedana, da família do meu pai. Em Vicenza se diz: “Mi go dito” (Eu tenho dito/eu disse) e “Noantri volemo” (Nós queremos). Em Sospirolo se diz: “Mi o dit” e “Nu vulon”, respectivamente. No Brasil, os trivênetos, a quase totalidade dos imigrantes italianos da segunda metade do século XIX, se dividiram em dois grandes grupos. Um foi para o Estado de São Paulo, onde no começo, trabalharam como empregados nas fazendas de café, e outro foi para o Rio Grande do Sul e fizeram parte do projeto de colonização da serra gaúcha (Caxias do Sul e região). A cada família foram vendidos cerca de 25 hectares de Mata Atlântica. Houve grupos menores que foram alocados em Santa Catarina (Nova Veneza e arredores) e no Espírito Santo. Em São Paulo, por estarem junto aos brasileiros, os italianos logo perderam a língua, mas no RS, por terem sido colocados juntos e em uma região onde não havia brasileiros, continuaram a falar vêneto. Como ocuparam terras por ordem de chegada, misturaram-se italianos provenientes de diversas regiões das três províncias e, com o passar do tempo, as novas gerações tiveram que entrar em acordo sobre a língua a falar, que sofreu transformações pela influência dos diversos falares e ainda do português, este principalmente com as palavras modernas como “avion”, “television”, “auto”, etc. com alguma adaptação para soar vêneto. E como os vênetos diziam “Mi son talian” e não “Io sono Italiano”, a nova língua passou a se chamar talian - o vêneto brasileiro.

O governo brasileiro instalou os italianos na serra gaúcha e os esqueceu. Pouco se preocupou com eles. Escola, quase nada. Assim, para que as crianças não crescessem analfabetas, cada comunidade escolhia alguém de sua gente que soubesse ler e escrever para dar-lhes aula. Como todos falavam vêneto, as aulas eram em vêneto. Assim foi com meus avós e meus pais, a primeira e a segunda geração nascida no Brasil. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, as línguas italiana, alemã e japonesa viraram a língua dos inimigos e o governo proibiu seu uso e criou escolas nas regiões de imigração, claro que em português. Quando chegou a vez dos meus irmãos e a minha, a escola já era em português, mas até então eu só falava talian. Foi assim que me tornei uma criança bilingue. Ao final do meu

livro escrevi alguns capítulos em talian, que publiquei com a tradução em português.

E porque o italiano não existe? Com a reunificação da Itália, em 1861, um sonho de séculos dos italianos já expresso por Machiavel em O Príncipe, no início do século XVI, faltava uma língua nacional. Escolheram o florentino, de Florença, por um motivo simples e lógico. Os clássicos da língua estavam prontos. Dante Alighieri escrevia A Divina Comédia em florentino, nos primeiros anos do século XIV. E Boccaccio e Petrarca também escreveram na mesma língua. Mas em 1861 só os habitantes de Florença falavam florentino, o que levou Massimo D’Azeglio, um dos mentores da reunificação italiana, a dizer: “Fizemos a Itália. Agora falta fazer os italianos”.

### **As reflexões (à guisa de considerações finais...)**

Ao escrever um livro de memórias é obrigatório fazer reflexões sobre o passado, as escolhas, o amadurecimento, as pessoas, os acontecidos, os feitos, os não feitos e, quanto ao futuro, refletir sobre o que se deseja e o que se quer fazer. É uma forma de reafirmar a importância de quem e o que foi importante, de valorizar pessoas e coisas de que descuidamos, relevar outras e fazer correções nos rumos da vida. Sempre temos a aprender e o que melhorar em nós mesmos.

Publicado o livro, o meu um calhamaço de 450 páginas, veio o lançamento de Fogo a Bordo, que fiz num sábado a tarde, 12 de fevereiro de 2022, na minha casa. Confesso que estava temeroso quanto à recepção. Quanto às pessoas da família, eu sabia que teria sua atenção, porque comecei o livro pelos meus 8 bisavós, emigrados da Itália para o Brasil na década de 1880, narrando fatos conhecidos por poucos. Foi fácil. Quanto aos meus amigos, tinha dúvidas. Meu temor desapareceu quando passei a receber diversas referências. Mesmo descontando a sua generosidade, parece que não matei de tédio nenhum amigo fiel que teimou em ler meu livro até o fim.